

**História e Poesia na *Poética* de Aristóteles****RONALDO SILVA MACHADO****rsmachado@zipmail.com.br**

## RESUMO

Com o fim de levantar subsídios para a atual discussão acerca das fronteiras entre História e Literatura, o artigo analisa de forma introdutória, a definição e o estatuto atribuído a relação História/Poesia na *Poética* de Aristóteles. Estabelecendo um quadro comparativo, descreve e analisa os pontos fundamentais que a obra coloca na fixação da relação diferencial entre os dois gêneros. Se reveste de grande importância para o campo dos estudos históricos a análise da obra aristotélica, pois dela deriva a fundamental e primeira distinção entre o literário e o historiográfico. Com base na *Poética*, onde Poesia é *imitação das ações humanas* e História é a *narração dos eventos realmente ocorridos*, é que estão alicerçadas as modernas convenções de ficcionalidade e veracidade, conceitos-chaves na definição de uma e outra modalidade discursiva. A diferença fundamental que a *Poética* coloca entre a História e a Poesia está na dimensão epistemológica, ou seja, no tipo de conhecimento a que cada um dos gêneros leva, a partir da operação que realizam, a imitação poética ou a narração histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Poética, Aristóteles, História, Poesia

## RESUMEN

Con la finalidad de recabar algunos elementos para la actual discusión acerca de las fronteras entre Historia y Literatura, el artículo analiza de forma introductoria la definición y el estatuto atribuido a la relación Historia/Poesía en la *Poética* de Aristóteles. A partir de un marco comparativo, se describen y analizan ciertos tópicos fundamentales establecidos por la obra en lo que concierne a la relación diferencial entre los dos géneros. Se subraya la importancia del análisis de la obra aristotélica para el campo de los estudios históricos, pues de ella deriva la primera y fundamental distinción entre lo literario y lo historiográfico. Es, en efecto, teniendo por base la *Poética* - donde Poesía es *imitación de acciones humanas* e Historia es *narración de eventos realmente ocurridos* - que fueron formuladas las modernas convenciones de ficcionalidad y veracidad, conceptos claves en la definición de una y otra modalidad discursiva. La diferencia fundamental entre Historia y Poesía postulada por la *Poética* se sitúa en una dimensión epistemológica, en el tipo de conocimiento a que conduce cada uno de los géneros a partir de las operaciones que realizan, la imitación poética o la narración histórica.

PALABRAS CLAVES: Poética, Aristóteles, Historia, Poesía

\* \* \* \* \*

O encaminhamento das questões que hoje se colocam acerca das fronteiras entre os textos literário e o historiográfico, de certa forma contestadas em algumas produções teóricas, requer que se passe em revisão às convenções e normas que estabeleceram e regularam os *tipos* (romance, relato historiográfico,...) e as *configurações discursivas* (literatura, história, ...) da produção intelectual letrada do ocidente, pois as semelhanças e diferenças foram historicamente traçadas (Cf. MIGNOLO, 1993).

Assim, embora destaque Hutcheon (1991, p.141) que *as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita têm em comum do que em suas diferenças*, o aprofundamento da problemática leva à necessidade de uma reflexão que, a partir de uma análise comparativa, destaque os elementos especificadores do estatuto formal e epistemológico de cada um dos gêneros.

O texto fundamental para se começar essa tarefa é a *Poética* de Aristóteles, pois é o primeiro a fixar a relação de diferença Ficção/História, a partir da definição dos conteúdos e formas correspondentes à Poesia e à História. Ou seja, estabelece uma diferenciação e delimitação entre os níveis de composição da escrita poética e da escrita historiográfica, com base na especificação dos elementos intrínsecos a cada um dos gêneros. A distinção usual entre Literatura e História, com base nas convenções de ficcionalidade e veracidade, é derivada da preceituação aristotélica de que a Poesia é imitação das ações humanas e a História é a narração dos eventos realmente ocorridos.

Assim, o presente trabalho quer analisar, de forma introdutória, a definição do estatuto atribuído à História na *Poética* de Aristóteles. Quer tencionar a relação Poesia-História presente na obra aristotélica, buscando o estabelecimento de um quadro comparativo, a partir do qual se possa entender a lógica das diferenças nos próprios pressupostos que as fundamentam.

\* \* \* \* \*

Dividindo o assunto em partes, classificando-as para comparar e recompondo-o para defini-lo, Aristóteles estabelece a Poesia, suas espécies, sua forma, seus elementos e seu fim, como objeto de análise da *Poética*. O texto aristotélico começa exatamente por essa delimitação:

*Falemos da poesia, - dela mesma e das suas espécies, da efetividade de cada uma delas, da composição que se deve dar aos mitos, se quisermos que o poema resulte perfeito e, ainda, de quantos e quais os elementos de cada espécie e, semelhantemente, de tudo quanto pertence a esta indagação, - começando, como é natural, pelas coisas primeiras. (Poét., I, 1)<sup>I</sup>*

*Falemos da poesia, - dela mesma e das suas espécies ...*, assim, a análise da História feita por Aristóteles é tangencial em relação à Poesia, tratando ele especificamente das suas diferenças. Entretanto, não deixa de ser significativo o tratamento dado à História - apresentada e contraposta à Poesia, como gênero discursivo, que contempla aspectos de *investigação* e de *narração*<sup>II</sup> - na medida em que, para caracterizar a Poesia, trate do estatuto da escrita historiográfica, como contra-exemplo.

Das *espécies* de Poesia, a tragédia é apresentada por Aristóteles como a mais perfeita e completa, pois imita ações de caráter elevado, em uma linguagem ornamentada, no modo dramático, visando a catarse - a purificação das emoções do espectador - à medida que suscita o terror e a piedade (*Poét.*, VI, 27), e *porque melhor consegue o efeito específico da arte* (*Poét.*, XXVI, 184). Assim, a teorização da tragédia que desenvolve do capítulo VI ao

XXVII é a base de toda a *Poética*, sendo que, conforme o comentário de Eudoro de Sousa (V, 24-25, p. 117), o gênero comum é a tragédia e valerá para a poesia, tudo quanto venha a ser dito da poesia trágica.

Em relação as diferenças entre Poesia e História, Aristóteles se refere diretamente em dois momentos. O primeiro no capítulo IX e o segundo no capítulo XXIII, a partir dos quais se pode levantar os vários aspectos da relação.

No capítulo IX:

*Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser histórias, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que de nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu. (Poét., IX, 50)*

E no capítulo XXIII:

*Também é manifesto que a estrutura da poesia épica não pode ser igual à das narrativas históricas, as quais têm que expor, não uma ação única, mas um tempo único, com todos os eventos que sucederam nesses períodos a uma ou várias personagens, eventos cada um dos quais está para os outros em relação meramente casual. Com efeito, a batalha de Salamina e a derrota dos Cartagineses na Sicília desenvolveram-se contemporaneamente, sem que estas ações tendessem para o mesmo resultado; e, por outro lado, às vezes acontece que em tempos sucessivos um fato venha após outro, sem que de ambos resulte comum efeito (Poét., XXIII, 148)*

\* \* \* \* \*

Na *Poética*, Poesia é imitação (*mimese*), que se caracteriza por ser uma operação de representação da natureza (*physis*), entendida como o homem em ação, não em termos de simples cópia ou transcrição, mas como ampliação e universalização das suas possibilidades; é imitação do homem agindo (“*praxis*”) de acordo com a sua vontade, as suas paixões (*pathos*) e de acordo com as suas faculdades intelectuais (*dianoia*), formando, no conjunto, uma expressão moral (*ethos*); (SPINA, 1967, p.85) e História é a narração dos eventos que realmente ocorreram.

A diferença entre o historiador e o poeta não se dá pelo uso do verso, (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser histórias, se fossem em verso o que eram em prosa), mas em razão dessa ação imitativa que a Poesia realiza e por que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.

A poesia é com efeito um “fazer”, e um “fazer” sobre um “fazer” - os “agentes” do capítulo II [da *Poética*] (RICOEUR, 1994, p. 68), a partir do qual se estabelece uma relação - entre esses dois fazeres, o da Poesia e o dos Homens - que leva ao reconhecimento da coisa imitada na imitação:

*Efetivamente, tal é o motivo por que [os homens] se deleitam perante as imagens: olhando-as, aprendem e discorrem sobre o que seja cada uma delas, [e dirão], por exemplo, "este é tal". Porque, se suceder que alguém não tenha visto o original, nenhum prazer lhe advirá da imagem, como imitada, mas tão somente da execução, da cor ou qualquer outra causa da mesma espécie. (Poét., IV, 14)*

A Poesia ao imitar realiza uma ação criadora (*poiesis*), deliberada e calculada, seguindo uma lógica própria e visando a um fim específico: o prazer e o conhecer. Tanto o imitar, como a contemplação do imitado, por serem próprios e naturais do homem, possuem uma causa intelectual e estética, conforme o capítulo IV: *O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções) e os homens se comprazem no imitado. (Poét., IV, 13).*

A História, como não é imitação, mas narração (*diegese*), não opera essa ação criadora e criativa, na medida em que o historiador apenas relata os acontecimentos que ocorreram num dado momento. A inclusão dos acontecimentos na narração não é feita pela vontade do historiador, mas é determinada pela individualidade e casualidade dos acontecimentos históricos, distribuídos numa série em um dado período de tempo. A História diz o *que fez Alcibíades*, correspondendo ou não as ações ao seu caráter, ao passo que a Poesia diria quais as ações convenientes de *Alcibíades* fazer ou não, atribuindo-lhe *pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza*; de acordo com seu caráter.

Como não imita, mas somente relata o que aconteceu, a *narrativa histórica (Poét., XXIII, 148)* difere inteiramente da *imitação narrativa e em verso*, da Epopéia (*Poét., XXIII, 147*), a qual, ao imitar contando, constrói uma ação dramática, como a da tragédia.

Na História o elemento axial é o tempo, na medida em que sua narrativa expõe os eventos ocorridos num dado momento, em sua diversidade aleatória, sem que necessariamente concorram para um mesmo fim: *Com efeito, a batalha de Salamina e a derrota dos Cartagineses na Sicília desenvolveram-se contemporaneamente, sem que estas ações tendessem para o mesmo resultado*. Na narrativa histórica as ações se sucedem umas após as outras, sem que se possa assinalar uma causalidade que explique seu decurso no tempo.

Na Poesia, ao contrário, o princípio interno é o da unidade de ação, devendo o poeta imitar um objeto uno e completo, uma ação onde *os acontecimentos se devem suceder em conexão tal que, uma vez suprimido ou deslocado um deles, também se confunda ou mude a ordem do todo. (Poét., VIII, 49)*. Todas as partes devem ser compostas de forma a constituírem um todo onde cada parte se coloque em relação causal com as outras, em uma extensão suficiente para sua apreensão e entendimento.

É por isso que Homero é elogiado por sua poesia. Na Odisséia, *não poetou todos os sucessos da vida de Ulisses (Poét., VIII, 48)*, mas a compôs em torno de uma ação una, onde a uma coisa sucedida, outra se seguia necessária e verossimilmente. A Odisséia, por ser Poesia, não se refere a toda vida de Odisseu, mas apenas a uma ação sua - a viagem de retorno - pois do contrário seria História.

*De fato, breve é o argumento da Odisséia: um homem vagueou muitos anos por terras estranhas, sempre sob a vigilância [adversa] de Poseidon, e solitário; entretanto, em casa, os pretendentes de sua mulher lhe consomem os bens e armam traições ao filho, mas, finalmente, regressa à pátria, e depois de se dar a reconhecer a algumas pessoas, assalta os adversários e enfim se salva, destruindo os inimigos. Eis o que é próprio do assunto; tudo o mais são episódios. (Poét., XVII, 104)*

A unidade de tempo da narrativa histórica recobre tudo o que aconteceu em um mesmo período, *pois há muitos acontecimentos e infinitamente vários* (Poét., VII, 46), referentes a uma ou a várias pessoas, obrigando-a a estabelecer um sincronismo entre acontecimentos não concorrentes, porém simultâneos. Assim, a sucessão temporal engloba acontecimentos que não possuem relação de causalidade e, menos ainda, de finalidade, pois ações advindas em um tempo único não constituem necessariamente uma ação una. (Cf. GOLDSCHMIDT, 1982, p. 344-5)

Também é manifesto que a estrutura da poesia épica não pode ser igual à das narrativas históricas, as quais têm que expor, não uma ação única, mas um tempo único, com todos os eventos que sucederam nesses períodos a uma ou várias personagens, eventos cada um dos quais está para os outros em relação meramente casual.(...) e, por outro lado, às vezes acontece que em tempos sucessivos um fato venha após outro, sem que de ambos resulte comum efeito (Poét., XXIII, 148)

A História é casual, eis que, como já mencionado, os acontecimentos estão dispostos em uma ordem de sucessão, marcada pela unidade temporal, onde a singularidade e independência de cada um não constitui uma totalidade, mas somente uma seqüência de acontecimentos e como adverte Aristóteles *é muito diverso acontecer uma coisa por causa de outra, ou acontecer meramente depois de outra*. (Poét., X, 59)

Na Poesia, ao contrário, as diversas partes estão ligadas necessariamente por uma progressão de interesse - *uma coisa por causa de outra* - e essa progressão constitui e estrutura a ação, seguindo uma causalidade interna, concorrendo para um mesmo fim. E como na Poesia, o poeta sabe a causa e o porquê das ações, ao contrário do historiador que sabe o quê, mas não o porquê, proporciona ela mais saber e conhecimento do que a História.

A *Poética* coloca entre a Poesia e a História, como assinala Naval Durán (1992, p. 416) (...) *el abismo que media entre el "discursus secundum causalitatem (discurso causal) y el discursus secundum successionem (discurso meramente sucessivo).*"

O historiador, como é narrador de eventos que ocorreram, portanto reais, não pode alterar sua organização, sua casualidade em termos de princípio, meio e fim, devendo se ater somente a sua ocorrência no tempo. O poeta, ao contrário, por ser *fabulador*, pois *ele é poeta pela imitação e porque imita ações* e esta imitação é criação (*poiesis*), pode compor e recompor os mitos tradicionais de forma a atingir seu fim próprio, ou seja, elaborar e agenciar os elementos escolhidos segundo uma ordem que conduza a um todo. Assim, o elemento fundamental da poesia é a construção do mito, entendido como o conjunto elaborado de elementos ligados entre si pela verossimilhança e pela necessidade.

*Porém o elemento mais importante é a trama dos fatos, pois, a tragédia não é imitação de homens, mas de ações e de vida, de felicidade [e infelicidade, mas felicidade] ou infelicidade reside na ação, e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade.* (Poét., VI, 32)

Assim, com o fim de imitar uma *ação completa, constituindo um todo que tem certa grandeza*., e *"Todo" é aquilo que tem princípio, meio e fim*. (Poét., VII, 41-2), a unidade, o encadeamento causal que estrutura a ação em uma totalidade, conduz a Poesia ao Universal, e *se configura naquilo que responde às exigências lógicas do espírito (necessário) ou à expectativa comum de todos os espíritos (verossímil)*. (COSTA, 1992, p. 23)

*Necessário* é a unidade causal interna da Poesia, como visto. O *Verossímil* é o elemento que equaciona a relação de criação/imitação presente na Poesia. Enquanto a dimensão criativa requer a composição do mito na forma de uma completitude, a dimensão mimética requer sua subordinação, dentro dos limites do plausível, ao possível. *"Com efeito, na poesia é de preferir o impossível que persuade, ao possível que não persuade. Talvez seja impossível existirem*

*homens, quais Zeuxis os pintou; esse porém correspondem ao melhor, e o paradigma deve ser superado.” (Poét., XXV, 177)*

Por outro lado, a questão da verossimilhança leva à delimitação dos domínios da Poesia e da História. A verossimilhança situa a operação poética nas fronteiras ilimitadas do possível, entendido como *lógico, causal e necessário, como modo de arranjo interno solidário, das ações do mito* (Cf. COSTA, 1992, p. 53-4), e é esse possível, e não o real, o lugar do objeto da Poesia.

A Poesia opera sobre ações que pertencem ao domínio do Possível, que corresponde ao “que foi” e ao “que poderia ter sido”. A História está restrita ao Real, ao “que foi”. Daí que cabe ao historiador a tarefa de *narrar o que aconteceu*, e ao poeta *representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade.* (Poét., IX, 50).

Como o domínio do possível abarca “o que foi” e o “que poderia ter sido” - não só no sentido de um possível passado, mas também de um possível presente ou futuro - pode o poeta fazer uso de eventos reais em sua composição, seguindo, sempre as regras da necessidade de coerência interna e de unidade, bem como de verossimilhança, pois a construção poética possibilita que ações de personagens reais, contingentes e casuais, sejam universalizadas: *E ainda que lhe aconteça fazer uso de sucessos reais, nem por isso deixa de ser poeta, pois nada impede que algumas das coisas que realmente acontecem, sejam, por natureza, verossímeis e possíveis e, por isso mesmo, venha o poeta a ser o autor delas.* (Poét., IX, 54)

Pois, (...) o que é possível é plausível; ora, enquanto as coisas não acontecem, não estamos dispostos a crer que elas sejam possíveis, mas é claro que são possíveis aquelas que aconteceram, pois não teriam acontecido se não fossem possíveis. (Poét., IX, 52)

Esse todo conexo, que é a Poesia, em seus aspectos racional e lógico, *en el que el fin de la intención explica los medios de la ejecución* (NAVAL DURÁN, 1992, p. 417) coloca-a em uma posição superior à História. Daí o ser a Poesia *algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular.*

O conhecimento proporcionado pela História é menor do que o dado pela Poesia, pois sua preocupação é para com o *que aconteceu*, para o particular, âmbito menor do *que poderia acontecer*, do universal. E como em Aristóteles o verdadeiro e certo conhecimento visa ao universal, pois só o conhecimento do universal é racional, *a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história.* Assim é que, *Aristotelicamente, uma História dos Animais [o geral] poderia levar a um conhecimento científico, não uma História da Guerra do Peloponeso [o particular].* (CHIAPPETA, 1996, p. 16)

\* \* \* \* \*

Em síntese, na *Poética* estão presentes cinco níveis de distinção entre cada um dos gêneros, os quais estabelecem e fundamentam seus estatutos formais e epistemológicos.

A primeira distinção estabelecida por Aristóteles entre os gêneros é referente a ação que cada um dos gêneros opera. A Poesia é imitação, mimese, e a História é narração, diegese. A segunda distinção presente na *Poética* é a de unidade de ação, presente na Poesia e ausente na História, a qual tem de narrar não uma ação única, mas um tempo único. A terceira refere-se ao objeto próprio de cada gênero. Enquanto a história se ocupa dos acontecimentos reais, a Poesia trata das ações humanas possíveis, segundo a necessidade e a verossimilhança. Em quarto lugar está presente o domínio de cada uma das composições. Ao universal corresponde a Poesia e ao particular a História. O último nível corresponde aos fins da Poesia e da História. O fim da Poesia é o conhecer e o prazer. A História visa conhecer o contingente e acidental.

Pelo aspecto aqui analisado - o da relação Poesia/História - se pode perceber que o objetivo de Aristóteles na *Poética* é buscar inscrever a Poesia no âmbito maior de seu sistema filosófico.

Assim, quer demonstrar como a Poesia, por referir-se ao universal, pode também levar ao verdadeiro conhecimento, como a ciência e a filosofia.

A diferença fundamental entre a Poesia e a História se dá na dimensão epistemológica, ou seja, ao tipo de conhecimento a que cada um dos gêneros leva, a partir da operação que realizam, a imitação poética ou a narração histórica.

A dimensão formal (*causa formal*) da Poesia - a *trama dos fatos* - garante a estruturação das ações de modo perfeitamente orgânico, unitário e belo (*Porque o belo consiste na grandeza e na ordem, ... Poét.*, VII, 44), onde cada uma das partes tem seu sentido em função do todo que compõem, de tal maneira que resulta no conhecimento e no prazer (*causa final*). A História por não comportar a mesma formalização, o mesmo arranjo das ações, fica ligada a simples narração dos eventos particulares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad., Pref., Introd., Com., Apend. de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

BELO, Fernando. *Leituras de Aristóteles e de Nietzsche - A poética sobre a verdade e a mentira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

CHIAPPETTA, Angélica. "Não diferem o historiador e o poeta ...". O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 22, p. 15-34, 1996.

COSTA, Lúcia Militz da. *A Poética de Aristóteles: Mimese e Verossimilhança*. São Paulo: Ática, 1992.

GOLDSCHMIDT, Victor. *Temps physique et temps tragique chez Aristote*. Paris: J. Vrin, 1982.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo. História, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOUIS, Pierre. Le mot chez Aristote. *Revue de Philologie*, Paris, n. 29, p. 39-44, 1955.

MIGNOLO, Walter. "Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa". In: *Literatura e História na América Latina: Seminário Internacional*. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 115-135.

NAVAL DURÁN, Concepción. *Educación, Retórica y Poética: tratado de la educación en Aristóteles*. Pamplona: Ed. da Universidad de Navarra, 1992.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994 - T. I

SPINA, Segismundo. *Introdução à Poética Clássica*. São Paulo: FTD, 1967.

STE. CROIX, G. E. M. "Aristotle on History and Poetry". In: RORTY, Amélie Oksenberg (ed.). *Essays on Aristotle's Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 23-32

i Todas as citações da *Poética* correspondem à edição de Eudoro de Sousa. Os algarismos romanos indicam o capítulo e os em arábico, o parágrafo.

ii É este o sentido que a palavra tem em Heródoto, por exemplo. Cf. HERÓDOTOS. *História*. Introd. Trad. e Notas de Mário da Gama Kury. 2.ed. Brasília: Ed. da UnB, 1988, I, 1: Os resultados das investigações de Heródotos de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam. (grifo meu)